

Fotos: Anderson Schneider/CB/D.A.Press - 8/2/00



UMA MORTE AINDA A SER SENTIDA

Com obra que marcou a inteligência brasileira, Décio Pignatari deixa herança na literatura e na teoria da comunicação. São reflexões que avançam além das disciplinas rígidas, com vocação para o novo

» CARLOS HERCULANO LOPES

A morte do poeta, tradutor e ensaísta Décio Pignatari, aos 85 anos, no domingo passado, é uma dessas perdas que ainda vão demorar a sedimentar na cultura brasileira, tantos eram seus interesses e realizações, na criação, na teoria e na capacidade de propor novos olhares sobre a arte e a inteligência. Espírito universal, Décio dialogava com várias tradições e épocas, além de ampliar o espectro da literatura em direção às artes visuais e à teoria da comunicação. Paulista de Jundiá, Pignatari foi ainda criança para Osasco, onde viveu até os 25 anos. gostava de dizer que a cidade era a sua Dublin e foi lá que iniciou seus estudos "num lindo casarão francês", onde teria vivido Dimitri Sensaud de Lavaud, um dos pioneiros da aviação no Brasil. Em Osasco, gostava de andar descalço, brincar com os amigos e, ainda adolescente, ajudou a fundar o grupo Juvenil Soma, da Cia. Sorocabana de Material Ferroviário, no qual também atuou.

Formado em direito pela USP ocupou lugar de relevância nos últimos 60 anos, sobretudo no universo da poesia concreta, no qual brilhou ao lado dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Com eles, ficou conhecido internacionalmente no grupo de poetas do qual também participou o mexicano Octávio Paz. Com Augusto e Haroldo, esteve presente em vários movimentos culturais dos anos de 1950 e se aproximou do tropicalismo, já na década de 1960. Com os irmãos Campos, a seis mãos, publicou *Teoria da poesia concreta*, em 1965; *Mallarmagem*, em 1971; e *Erza Pound-poesia*, em 1983, entre outros.

Seu polêmico rompimento com a famosa geração de 1945, que deu muito o que falar, ocorreu em 1951, por ocasião da 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Nos anos 1970, já totalmente dedicado à literatura, tornou-se professor de teoria literária no curso de pós-graduação da USP, onde fez doutorado tendo como orientador o professor e crítico literário Antonio Candido.

Comunicação e semiótica

Polêmico e às vezes chamado de rabugento pelos inimigos, escreveu também textos teóricos sobre comunicação, poesia e semiótica.

Entre suas obras, destacam-se o livro *Teoria da poesia concreta*, de 1965; o volume de cantos *O rosto da memória*, de 1988; o romance *Panteiros*, de 1992; e a peça *Céu de Iona*, de 2004, na qual tratava das mudanças ocorridas na vida e na obra de Machado de Assis depois do casamento do romancista carioca.

Como tradutor, foi responsável por versões de clássicos de Dante e Shakespeare e do mais conhecido livro do canadense Marshall McLuhan, *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Um dos seus poemas mais famosos, *beba coca cola*, musicado por Gilberto Mendes, com uso das referências concretistas, faz referência à Coca-Cola e ao consumo, com linguagem visual ousada e forte dose de sarcasmo.

Em depoimento dado a Edla van Steen para o livro *Viver & escrever*, lançado em 1981, Décio contou que suas primeiras influências literárias foram José de Alencar, Castro Alves e o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, cujo livro *O amor, as mulheres e a morte*, lido aos 13 anos, o deixou muito impressionado. Ainda na entrevista, lembra que a arte concreta fazia parte de um movimento internacional, tendo à frente Max Bill, e cujo líder no Brasil foi Waldemar Cordeiro, de quem foi discípulo e com o qual rompeu em 1960, depois de ter chegado à conclusão de que o stalinismo dele o estava arrastando para a "carctice de um carreirismo individual".

Sobre a poesia concreta, pela qual se tornaria conhecido, disse que ela foi o primeiro movimento realmente internacional da poesia brasileira — chegando à Lbia e ao Japão —, e que ela foi o Santos Dumont da cultura brasileira do período. "E como está a poesia concreta atualmente", quis saber Edla van Steen. "Quanto mais irreconhecível, melhor", respondeu Décio Pignatari. Sobre os contemporâneos, confessou que lia pouco e em diagonal: "Dos novos, por inteiro, só o Catatau, de Paulo Leminski", respondeu.

Em 2009, Décio Pignatari publicou *Bili com mão verde na mão*, que descrevia como "um livro para todas as idades". Uma obra que fundia prosa e poesia, ideias e imagens. Maduro, Décio parecia ter descoberto um jeito de ir além das formas, das idades e das classificações. Para quem sempre aspirou a liberdade e o novo, foi uma espécie de acerto de contas com a arte e com a vida.

Vanguarda e revolução

» AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Coincidência: em 1961, Décio tinha 34 anos e fez aquela conferência, *Situação atual da poesia brasileira*, no célebre congresso organizado por Antonio Candido, em Assis, São Paulo. *Eu tinha 23 anos, estudante de letras na UFMG, fiz um aparte, que está nas anais. Em 2012, 51 anos depois, há um novo congresso em Assis e chamam-me para abrir o encontro e comentar a tese antiga do Décio e a poesia atual. Muita água rolou debaixo da concretude das pontes. Nossa geração viu duas liusões se diluírem: a vanguarda e a revolução.*

- *O verso não acabou, a visualidade é apenas um dos aspectos da poesia. Mas Décio e os concretistas deram uma chacoalhada na poesia brasileira. Drummond, Bandeira e Cassiano Ricardo — mais velhos — foram influenciados.*
- *Os mais novos também. Tenho cartas de Décio. Gostava dele, de seu jeito briguento. É verdade que a vanguarda virou "estilo de época". Mas acho que certa poesia brasileira hoje tão próxima do que ele chamava de "geleia geral", bem precisa de uma freada de arrumação.*

Affonso Romano de Sant'Anna é poeta e cronista

Artista e pensador

» RICARDO ALEIXO

Para quem, como eu e tantos outros poetas e artistas brasileiros, não se rende à ideia de que não há não haveria espaço, hoje, para a radicalidade, a ousadia, o incornformismo e o posicionamento ético perante os modelos impostos pelas grandes corporações midiáticas e, na outra ponta, pelo passadismo que orienta o grosso das pesquisas acadêmicas sobre arte e cultura, a morte de Décio Pignatari representa um golpe duríssimo.

Como Afonso Ávila, outro gigante de quem nos despedimos neste cruel 2012, Décio foi um tipo raro de artista pensador, que se empenhava, ao mesmo tempo, em investir contra a mediocridade e em nos oferecer sugestões de caminhos críticos e criativos tão abertos quanto plurais.

Ricardo Aleixo é poeta, artista visual e ensaísta

Convergência e transmídia

» GEANE ALZAMORA

A relevância de Décio Pignatari no âmbito dos estudos comunicacionais no Brasil deve-se, principalmente, à natureza de suas contribuições à área. Um dos responsáveis pela introdução da semiótica no país, ele defendeu o experimentalismo de linguagem e a integração dos meios como parâmetro comunicacional.

Em seu livro *Contracomunicação (Editora Perspectiva, 1971)*, por exemplo, Pignatari postulou dois princípios básicos que deveriam reger a estruturação de uma nova escola de comunicação: *a) integração dos meios, códigos e linguagens ("Quem compreende apenas um meio torna-se um burocrata servil desses médium"); b) integração entre professores e alunos ("uma classe deve ser uma equipe de trabalho criativo")*. Essa proposta comunicacional, radicalmente criativa e intermidiática, antecipa em quase 40 anos a discussão contemporânea sobre convergência e transmídia.

Ele é responsável ainda pela introdução no Brasil de pensadores relevantes para área de comunicação, como Marshall McLuhan. Pignatari traduziu, em 1964, Os meios de comunicação como extensões do homem, referência obrigatória para conhecer o pensamento de McLuhan.

Poeta, tradutor e ensaísta, Décio Pignatari soube, como poucos, unir experimentalismo de linguagem e rigor científico. *Razão pela qual sua contribuição à área de comunicação, embora circunstancial e de certo modo periferica, é indiscutivelmente relevante.*

Geane Alzamora, professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMG

Subversões verbais e icônicas

» FRANCISCO K

Não obstante a diversidade de sua obra, Décio Pignatari é antes e acima de tudo um poeta e dos mais raros e imprescindíveis — "o maior poeta-inventor de minha geração e um dos maiores da literatura de língua portuguesa de todos os tempos", no dizer abalizado de Augusto de Campos, seu companheiro na "aventura planificada" da poesia concreta.

O conhecimento ou reconhecimento disso é, ainda agora quando se vai o poeta, muito reduzido: sabe-se que Décio, com Augusto e Haroldo de Campos, criou, há pouco mais de 50 anos, a poesia concreta brasileira (a mais decisiva e relevante, no plano internacional); e que ele concebeu alguns dos poemas concretos mais paradigmáticos e marcantes, como *beba coca cola* e *LIFE*.

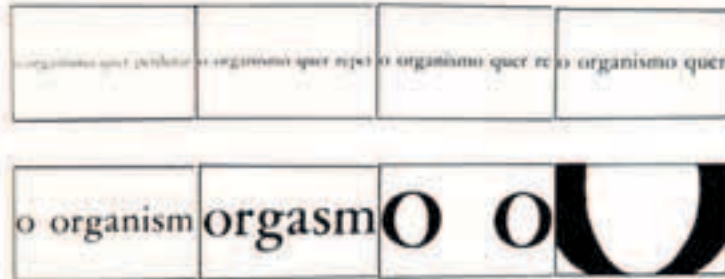
Pouco se conhece e menos se valoriza sua fatura em verso anterior à mutação concreta — produção essa que, quando da publicação do primeiro livro, *O carrossel* (1949), o então crítico militante Sérgio Buarque de Holanda saudou como "uma poesia da mobilidade".

No livro de estreia, *Rumo a Nausicaa* (1952), vai mostrar o domínio mais seguro de um verso que se desdobra em múltiplos planos. Décio tanto pode se aproximar do neobarroco como incorrer no antipoético; estender a frase em demasia, até decompô-la quase, como inocular o veneno explícito da metalinguagem. Prática, também, uma singular perquirição do eu lírico, como nestas duas primeiras estrofes de *Hidrofobia em Canárias*:

Eu, que sou raro e lobo, ou ao não raivoso, ansioso à linha que me agride, ó linfa!, mas roo o faro com caninos de ouro, sangrando à lua este caim de mim!

Aronda, aronda, diz a brisa e a língua, mas em Canárias suspendeu-se o cio; aronda, aronda, oh cauda em reinoinho, meu coração demasiado nos domingos!

Grandes momentos, como esse, de *logomelopéia* — sentido e som mutuamente imantados e levados a uma alta intensidade — serão comuns em toda a primeira fase de Décio (e reencretados na fase pós-concreta). O que se vê nos passos seguintes é que seu verso crescentemente complexo vai se



Lembranças minhas

» OTO REIFSCHEIDER
ESPECIAL PARA O CORREIO

Um dos eventos que mais me marcaram, ao longo de anos de estudo na Universidade de Brasília, foi uma palestra de Décio Pignatari, em 12 de dezembro de 2003, uma sexta-feira. O impressionante não foi a líbia, a beleza ou qualquer outra qualidade intrínseca ao palestrante, mas a plateia. Não havia ninguém. Sabeia ainda pouco sobre o poeta, o tradutor, o ensaísta e o professor. Havia lido apenas algumas de suas poesias concretas dos anos 1960. Tinha, no entanto, ciência da relevância dele para a comunicação e seu papel primordial no desenvolvimento da poesia concreta.

Voltando aquele fatídico dia, cheguei no horário estipulado, talvez um pouco antes. Carregava alguns volumes comigo na esperança de que, lá chegando, conseguisse ao menos algum autógrafo. Quando entrei no auditório, ele estava ainda vivo. O tempo passou e a situação não melhorou muito. Com Décio Pignatari já presente, os organizadores fizeram sala para ver se chegava mais alguém: nada. Resolveram então formar a mesa e, de uma só vez, todos os presentes se levantaram e se dirigiram à mesa. No auditório, apenas um repórter e eu. Em uma das principais universidades do país, no seu salão mais nobre — o de Ato da Reitoria — uma das

poema Beba coca cola/Reprodução da internet - 3/12/12



encaminhando, nas direções diversas que segue, para sua dissolução. Tal período de transição deixa seus marcos admiráveis (cito o espiralado e vertiginoso *Escova*) e mostra, por outro lado, semelhanças com processos que ocorriam com poetas contemporâneos (não só com os irmãos Campos, mas também com o Ferreira Gullar de *A luta corporal* ou mesmo com o verso esquisito de Wlademir Dias Pino).

A dissolução do verso vai desembocar em uma nova e rigorosa proposta de organização do poema, com base não mais na sintaxe linear, mas em uma sintaxe espaço-temporal, multidirecional, que traz a configuração gráfico-visual ao primeiro plano. A crise do verso resolve-se no não verso: no poema concreto.

O poema "um movimento", com seu eixo vertical de "mm", mas ainda com a linearidade frasal, finca uma estaca nítida: um quase totem. Logo virão as realizações marcantes mencionadas acima, que compõem, com algumas outras, o conjunto "duro e puro" publicado na revista *Noigandres 4* (1958).

Miremos um de seus maiores poemas, *LIFE*: uma simples palavra, que vai se formando paulatinamente em 6 páginas ou quadros (e que não poderia ser nossa "vida"), é o poema. Inicia-se pelo I, recebe o acréscimo de novos traços (L - F - E), fecha-se num duplo retângulo (como um 8 ortogonal), que pode ser aproximado do ideograma chinês que significa "sol". Enfim, a palavra *LIFE* apresenta-se inteira, como a mostrar que a vida evolui da forma mais simples à mais complexa: mas também exibindo um diagrama do surgimento da linguagem e do próprio ser humano, já que só com ele à linguagem emerge plenamente.

Crucial, entretanto, é perceber que a linguagem não surge apenas no último quadro (com a palavra *LIFE*) — e nem com o mencionado ideograma de sol, do penúltimo. Já há linguagem no simples traço do I, antes mesmo que seja lido como uma letra! É um *quase-sígnio*, para usarmos o conceito que consiste na mais original contribuição teórica de Décio à semiótica: "É um primeiro primeiro, o primeiro bit de informação da linguagem. (...) primeira determinação da indeterminação."

O *quase-sígnio* radicaliza o conceito de *icone* de Charles S. Peirce, que se define por uma relação de semelhança com o "objeto" representado (no caso do I, com a ideia de unidade e início, tal qual nos algarismos árabe 1 e romano I), assim como por sua abertura. É o que vemos em *LIFE*, onde o I, como a evolução biológica, pode se desenvolver nas mais diversas direções... mas acaba por se integrar a um *símbolo* (signo que tem uma relação convencional e arbitrária com o seu objeto, na semiótica de Peirce), que é a própria palavra *LIFE*. A poesia concreta promove, assim, um jogo cerrado e um intercâmbio de energias entre símbolos e ícones (entre signos verbais e analógicos).

Mas se os poemas de *Noigandres 4* e o manifesto "plano-piloto para poesia concreta" definem um certo campo de

possibilidades para o poema concreto (que podemos chamar ortodoxo ou minimalista), é muito importante perceber que seus próprios criadores vão logo abandonar esse modelo e suas prescrições em troca de experiências mais livres e imprevisíveis. É o que Décio faz com o poema-livro *Organismo*, já em 1960: um outro *biopoema*, mas que usa toda uma frase ("o organismo quer perdurar"), propondo sobre ela algumas mutações (como a de "organismo" em "orgasmo"), até concluir por um imenso O, que vaza a página e deixa aflorar a irregularidade em seu desenho gráfico. Ao inverso de *LIFE*, o que podemos chamar de quase-sígnio torna-se evidente no final de *Organismo*, marcando, com sua perda de referências precisas e de nitidez perceptiva, algo que tem a ver com a sensação do orgasmo (outro quase-sígnio?).

Constatamos que a noção de mobilidade, lançada por Sérgio Buarque para o primeiro Décio, passa a ganhar uma dimensão bem mais ampla, caracterizando todo seu trajeto poético: este se desenha pelos saltos e mutações marcadas, sem se demorar em uma poética definida. É o que também notamos na proposta de poesia semiótica, lançada por Décio e Luís Ángelo Pinto em 1964, e que se identifica pelos chamados poemas-código (que contam com uma "chave léxica", dando a correspondência verbal dos signos gráfico-visuais empregados). Se a vigência dessa poética é bastante breve, vejamos o que diz a tal respeito Augusto de Campos (em e-mail que me enviou): "Décio faz poemas-protótipo, guerrilha artística. Criou dois ou três poemas semióticos, extraordinariamente originais (sua técnica foi adotada como norma, limitada e banalizada por quase todos os poetas-processo). E partiu pra outra. [Muitos] não percebem a bravura e o humor disso."

Podíamos nos ater, houvesse espaço, a outros momentos do percurso aventureiro do poeta Décio Pignatari — mas deixemos tão-só o convite, ao leitor(a), para prosseguir em seu próprio desbravamento desse território poético inusitado. Mencionemos apenas mais uma de suas invenções ou mutações, que vem a ser o *Mallarmé Vietcong* (1968), poema guerrilheiro e talvez até terrorista, que parece marcar um limite (terminal?...!) para a vanguarda programática e utópica.

Se a poesia (imprensa) já está, esse momento, mais afastada do centro da cena cultural (dando lugar aos poetas da mística popular, em sua fase áurea), ela continuará empreendendo, pelas mãos de criadores radicais como Pignatari, e para um público mais restrito, suas subversões verbais e icônicas. E passando a ocupar décadas depois, com conseqüências difíceis e imprevisíveis, a nova zona liberada digital e eletrônica.

Vai, mano Décio da semiótica e da poesia audaz e lúcida: segue seu rumo na noosfera (mundo dos signos)!

Francisco K é poeta e ensaísta, autor, entre outros livros, de *Diz e Poesia?* e *outras perguntas*.



Décio Pignatari influenciou gerações de poetas e estudiosos da comunicação e da semiótica

principais figuras da intelectualidade brasileira achava-se sem interlocutores. Não por nada, um dos assuntos que mais o preocupava era o vale-tudo do ensino superior em humanidades. Fosse ele jogador de futebol ou ninfeia de novela, a situação seria decerto outra.

Na falta de sentido de uma banca sem público, em breve, achei-me ao lado de Pignatari, a quem mostrei os volumes que portava. Conversamos brevemente sobre cada um dos livros, ele empolgadíssimo com o fato de eu estar com a coleção completa da revista *Invenção*, a segunda publicação em série dos poetas concretos — o grupo Noigandres — editada nos anos 1960. Disse-me que nem ele tinha mais esses volumes. Eu, brincando (sério), informava que ele continuaria sem os ter: aqueles eram meus. Ao ver o *Errâncias* entre os livros, dediquei-me esse volume publicado em 2000 dizendo-me que se tratava de seu livro predileto: "Para Oto, este passeio icônico-reflexivo pela memória (minha e de outros e outras coisas) com o abraço do Pignatari, Brasília, 12-12-03."

Frutos vindouros

Essa palestra tornada bate-papo seria a cereja do bolo de uma série de apresentações e colóquios do Ciclo Encontros Antológicos, do projeto Floridilégio, iniciado em fins de

novembro com a apresentação *Poesia é risco*, de Augusto de Campos, no Teatro da Caixa — com grande sucesso de público. Houve também uma palestra — atropelada, por falhas na organização — com o bibliófilo José Mindlin e o crítico João Alexandre Barbosa, ambos já mortos. De qual-quer forma, o que me impressionou foi a falta de interesse na fala de um mestre: mais de 20 mil alunos, centenas de professores de humanas, dezenas do Instituto de Letras, não houve quem se interessasse pela sua palestra.

Agora é tarde: morreu a 2 de dezembro de 2012, no domingo, Décio Pignatari. Sua vasta produção, no entanto, fica. Mais de duas dúzias de livros, dezenas entre artigos acadêmicos e textos para revistas e jornais. A obra poética foi reunida no volume *Poesia poés é poesia*, e conta com poemas consagrados como *beba coca cola*, de 1957, e *Organismo*, de 1960. Deixou para a comunicação as obras *Informação, Linguagem, Comunicação, Contracomunicação e Semiótica & literatura*, entre outras, além da tradução de Marshall McLuhan. Alguns desses volumes têm sido reeditados há décadas, em edições sucessivas. Escreveu, diagramou, compilou, traduziu, registrou, transgrediu. Resta lê-lo.

Oto Reifschneider é bibliófilo, bacharel em história, mestre em sociologia e doutor em ciência da informação.